

EDITORIAL

A Verdade como Pessoa

Recentemente um conhecido pastor evangélico brasileiro foi expulso da ordem a que pertencia devido ao facto de ter defendido publicamente, num dos seus sermões, que a Bíblia precisava de ser actualizada. Apesar de, logo que a polémica estalou ter reforçado prontamente o esclarecimento do sentido e da intenção das suas palavras, aliás perfeitamente contextualizadas na própria pregação, a verdade é que isso não foi suficiente para evitar a decisão radical de o desvincular daquela organização.¹

No fundo todos os teólogos sabem que textos datados de há milhares de anos não podem ser lidos literalmente dada a sua evidente descontextualização. É necessário saber alguma coisa da história e da cultura da época para conseguir retirar deles os princípios lá inscritos e apurar a mensagem que realmente se pretendia transmitir ao povo daquela época. A partir daí, tendo sempre em conta tais valores e princípios, será então possível aplicá-los à contemporaneidade, a qual revela linguagens, circunstâncias e contextos radicalmente diferentes. Deus será o mesmo porque é imutável, a natureza humana também não muda mas os tempos são diversos, pelo que essa variável implica que a literalidade não fará qualquer sentido na maior parte dos casos. E uma exegese responsável também não permite considerar literalidade e simbolismo *a la carte*.

À pergunta que ele próprio se faz “Ainda precisamos da teologia?” o cardeal Tolentino responde apresentando a necessidade de enquadrar a questão

¹ <https://edrenekivitz.com/>

hermenêutica de outra forma, ligando assim o conceito de evangelização com a teologia e a cultura:

Estou, com efeito, profundamente convicto de que não há evangelização sem teologia. A sociedade não escutará o anúncio da Palavra, a Igreja não poderá levar a Palavra a todos os seres humanos se a missão de evangelização não se realizar na dinâmica daquele peculiar duplo exercício teológico que é pensar a Palavra de Deus à luz da História humana e pensar a História humana à luz da Palavra de Deus. Se ensinar o Evangelho é a missão confiada por Jesus aos discípulos, se sem anúncio não há Igreja, não há possibilidade de conversão (“metanoia”) da humanidade e da História, então não há Igreja sem teologia.²

Ao associar a evangelização, ou seja, o anúncio das boas novas de Salvação (kerigma) – uma outra forma de nomear o evangelho – à teologia, Tolentino coloca uma responsabilidade maior sobre os ombros dos líderes cristãos mas também dos teólogos, até porque a verdade deve ser “pensada como ponto de partida mais do que de chegada”, pois se para alguns “a verdade só é ensinada, como um pacote de saber indiscutível e imutável; para outros, só se acede à verdade na ação e no serviço, e não, complementarmente, no percurso lento e paciente do exercício reflexivo e contemplativo da racionalidade humana.”³

Temos assim que manter o foco da verdade num repositório de crenças e tradições religiosas pode até obstaculizar a possibilidade de virmos a reconhecer a Verdade naquele que realmente a personifica, o Filho de Deus que assim se anunciou: “Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e **a verdade** e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim”.⁴

Então, se “não há Igreja sem teologia”, nem sequer uma verdadeira evangelização, como afirma Tolentino, resta prestar atenção aos sons do

² Pastoral da Cultura. “Cardeal Tolentino: Não há evangelização sem teologia, precisamos de reaprender o ensino e a inculturação”.

https://snpcultura.org/nao_ha_evangelizacao_sem_teatologia_precisamos_reaprender_ensino_incultucao.html?fbclid=IwAR3rpN5oGZMVRIsiZ_ZCFKbC40ENs24J4RoP7cJHjMJlOd02csRWBazuoyU#.YPmyvO6ebv1.facebook (acedido em 13/12/21).

³ Idem.

⁴ João 14:6 (grifo nosso).

mundo, à cultura, para fazer teologia e evangelizar, tendo sempre em mente que a Verdade na fé cristã não reside num conjunto de crenças, documentos ou bases de fé mas numa Pessoa – Jesus Cristo.

Sim, a Verdade não é um conjunto de credos, crenças, tradições ou revelações particulares para as quais, de resto, somos alertados:

E temos, mui firme, a palavra dos profetas, à qual bem fazeis em estar atentos, como a uma luz que alumia em lugar escuro, até que o dia amanheça, e a estrela da alva apareça em vossos corações. Sabendo primeiramente isto: que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação. Porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo.⁵

De facto, a Verdade é identificada como sendo a Pessoa de Jesus Cristo e mais nada nem ninguém. Mas a já longa história da fé cristã é demasiado fértil em exemplos de “verdades” impostas por homens, tantas vezes ao arrepio do discurso e do exemplo de vida do Mestre Jesus, e nalguns casos em franca oposição ao seu pensamento e acção.

Neste número da AD AETERNUM, apresentamos um pequeno dossier sobre o tema “RELIGIÃO E VIOLÊNCIA”, assim como um conjunto de artigos com focos distintos como o papel do mulher na História, a teologia bíblica e pastoral, os manuscritos do Novo Testamento, o culto no Antigo Israel e outros, de entre os quais destacamos o texto – em língua castelhana – do eminente teólogo espanhol José Ignacio González Faus, sobre as consequências da presente pandemia na vida espiritual e o papel de Deus na vida moderna, assim como um texto em língua inglesa sobre a religiosidade tradicional na península ibérica.

⁵ 2 Pedro 1:19-21.

Apresentamos ainda uma recensão crítica a uma obra recentemente publicada: *A Teologia de Jesus: Tudo o que o Mestre falou*, cujo Prefácio é assinado pelo Prof. Viriato Soromenho Marques.

A revista respeita tanto a grafia adoptada por cada um dos autores que escreveu na língua portuguesa, anterior ou posterior ao AO/90, assim como os textos vertidos na forma europeia ou do Brasil.

José Brissos-Lino